

Arranjo Didático como Fator Motivacional em oficinas de prática em conjunto

Alex Araujo da Silva, Universidade Estadual de Feira de Santana

Resumo

Este trabalho se enquadra na modalidade relato de experiência e propõe apresentar o arranjo didático como ferramenta que proporciona ensinamentos e aprendizagens musicais, alicerçada em fatores motivacionais. Os arranjos didáticos foram elaborados pelo professor levando em consideração fatores motivacionais durante as oficinas de Iniciação e Desenvolvimento Musical Através da Prática em Conjunto, desenvolvidas através do projeto Venham Todos no Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA), localizado no município de Feira de Santana-Ba, durante os anos de 2014 e 2015. Neste contexto, os arranjos didáticos fizeram parte da estratégia de ensino utilizada para ensinar a partir da prática e de acordo com as necessidades dos alunos, conhecimentos musicais relacionados aos seguintes temas: percepção, expressão, técnica, teoria e criação. Estes conhecimentos, por sua vez, proporcionaram o desenvolvimento de habilidades relativas à execução dos instrumentos musicais; enquanto que os conhecimentos motivacionais, implícitos no arranjo didático, objetivavam contribuir para o comprometimento dos alunos em relação ao estudo dos instrumentos. As oficinas foram gratuitas, abertas à comunidade de modo geral, sendo o único critério para participar possuir o instrumento musical. Deste modo, a turma foi formada por alunos com faixa etária entre 13 e 50 anos de idade, com instrumentos musicais variados, da família das cordas, sopro e percussão, com níveis técnicos diferentes, entre o iniciante e o intermediário. Alunos novos tinham a possibilidade de começar a participar das oficinas durante o ano, exceto nos últimos meses, quando o aluno era iniciante, em função de a turma estar preparando-se para apresentações finais.

Palavras-chave: Arranjo Didático; Motivação; Ensino de Instrumentos Musicais.

Este tema é importante, pois pode contribuir com a prática de educadores musicais, mais precisamente no que diz respeito ao ensino de instrumentos musicais no contexto de aulas na modalidade de prática em conjunto ou ensino coletivo. Este trabalho relaciona-se com estudos de Tourinho (1995) e Flach (2014) realizados na área do ensino coletivo. E também com a bibliografia sobre motivação para aprendizagem, por exemplo, Araujo (2015), Bzuneck (2001), Guimarães (2001) e Gusmão (2013). O presente artigo destaca-se pelo foco colocado sobre o item arranjo didático, ressaltando fatores motivacionais implícitos nesta ferramenta utilizada para o ensino e a aprendizagem de conhecimentos musicais. Poucos trabalhos tratam do arranjo didático, e os que o fazem, ainda estão em nível de justificar a nomenclatura utilizada para designar seus materiais elaborados ou abordam o tema como um subtópico do ensino coletivo. O objetivo deste estudo é chamar a atenção para os fatores motivacionais observados na elaboração do arranjo didático criado com o propósito de proporcionar o ensino e a aprendizagem de conhecimentos musicais nas suas mais variadas

formas. Este trabalho pode contribuir com a educação musical e com a prática de educadores musicais ao relacionar temas motivacionais aos processos de elaboração do arranjo didático.

Arranjo Didático

Mas o que é o arranjo didático? Quanto ao termo arranjo, segundo Flach (2014), na literatura ainda não há consenso entre os pesquisadores:

Autores como Aragão (2001a e 2001b), Lima Júnior (2003), Duarte (2010) e Pereira (2011) propõem reflexões sobre o conceito de arranjo. Tais pesquisas trazem reflexões baseadas em documentos e dicionários que apontam para o termo arranjo como sinônimo de transcrição, orquestração, instrumentação, adaptação, redução, entre outros (p. 21)

No entanto, a maioria dos pesquisadores concorda que o arranjo possibilita um maior número de intervenções na composição. Pereira (2011, apud Flach 2014, p. 21, 323) menciona que “o termo arranjo permite que uma obra sofra modificações, com maior flexibilidade de manipulação de elementos estruturais, como aspectos da estrutura melódica, rítmica, harmônica e formal”, deste modo “ao trazer no título o termo arranjo, explícito em uma obra, torna-se permitido modificar, acrescentar, diminuir, enfim, adquirir maior flexibilidade de manipulação de elementos estruturais”. Flach (2014, p.323) registra que “até o presente momento o termo arranjo se mostrou bastante abrangente, por trazer em sua definição essa flexibilidade em relação à elaboração musical, o que o torna, até agora, mais adequado para definir o material decorrente das [...] elaborações musicais”. O arranjo proporciona maior liberdade no diz respeito à manipulação dos elementos estruturais de uma música, deste modo, a música pode ser trabalhada com o propósito de atender às necessidades que envolvem os processos de ensino e aprendizagem de conhecimentos musicais.

Enquanto o termo arranjo está relacionado a mudanças feitas nas estruturas de uma música, o termo didático, segundo o minidicionário Aurélio (2014) está relacionado ao ensino ou é próprio dele, portanto o termo arranjo didático caracteriza-se pelas mudanças feitas nas estruturas de uma música com a intenção de ensinar conhecimentos para o desenvolvimento de habilidades e competências musicais.

O arranjo didático, no contexto deste trabalho, faz parte de uma metodologia de ensino onde o seu papel é servir de suporte para os conhecimentos musicais, nas suas mais variadas formas (perceptiva, expressiva, técnica, teórica e criativa), que posteriormente serão ensinados conforme os objetivos do professor e às necessidades dos alunos.

O arranjo didático pode ser considerado uma ferramenta multiforme devido aos vários tipos de conhecimentos musicais que podem ser trabalhados a partir dele de diferentes formas. É possível selecionar, por exemplo, um trecho melódico e transformá-lo em vários exercícios: mudar a duração real das notas; definir estas mesmas notas como material para improvisação; exercitar diferentes formas de expressão com a mesma linha melódica, solfejar e fazer um ditado melódico utilizando apenas essas notas; compor um novo trecho musical com base apenas na utilização das notas dessa melodia; identificar a(s) escala(s) em que esta melodia se enquadra.

Para que o arranjo didático funcione de forma adequada, antes que qualquer decisão seja tomada em relação à sua elaboração, faz-se necessário que o professor conheça seus alunos, avaliando: nível técnico e “gosto” musical. A partir das informações obtidas mediante análise desta avaliação, o professor pode pensar nos conhecimentos e habilidades que deseja ensinar aos seus alunos e acrescentá-los no arranjo didático considerando os fatores motivacionais. A elaboração do arranjo didático implica, entre outras coisas, realizar reflexões constantes sobre questões relacionadas à motivação: os alunos se interessam pela música escolhida, o arranjo é “bonito” ou soa bem; a música é muito fácil, extremamente difícil ou apresenta algum tipo de desafio que esteja ao alcance dos alunos; quais habilidades técnicas e competências musicais serão desenvolvidas a partir deste arranjo. É importante que o professor esteja atento à resolução de questionamentos como estes para que a utilização do arranjo didático obtenha sucesso quanto ao seu propósito – facilitar o ensino e a aprendizagem de conhecimentos e habilidades musicais proporcionando motivação. As respostas a estas questões podem influenciar positivamente no esforço e tempo dedicado por partes dos alunos na obtenção dos conhecimentos musicais e habilidades técnicas necessárias à execução do instrumento musical e do arranjo didático.

É importante que os conhecimentos musicais sejam ensinados aos alunos de acordo com as necessidades identificadas pelo professor mediante avaliação. Por exemplo, se um aluno sabe tocar bem as cordas soltas de um violino com certo domínio de arco, então o arranjo didático a ser elaborado poderia contemplar as notas que exigissem, deste aluno, a utilização do dedo 01 na primeira posição de digitação no braço do violino.

Enquanto os conhecimentos musicais, presentes no arranjo didático, são ensinados aos alunos, os conhecimentos motivacionais, implícitos no arranjo didático, não são

ensinados, porém, influenciam positivamente a relação do aluno com este material.

Fatores Motivacionais

Segundo Bzuneck (2001) “genericamente, a motivação, ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou a põe em ação ou a faz mudar o curso” (p. 9). É possível afirmar que, no contexto deste trabalho, os fatores motivacionais são conhecimentos da área motivacional, trabalhados de modo a tornarem-se implícitos ao arranjo didático, influenciando positivamente a ação dos alunos em direção ao estudo do instrumento e favorecendo seus resultados de aprendizagem.

Alguns fatores motivacionais foram observados durante a elaboração do arranjo didático, são eles: desenvolvimento pleno, repertório significativo e desafio possível. Estes temas são desenvolvidos tendo como referências algumas teorias, conceitos ou abordagens motivacionais: expectativa-valor, teoria da autodeterminação, repertório de interesse, teoria do fluxo e crenças de autoeficácia. Durante a elaboração do arranjo didático os fatores motivacionais devem ser encarados como critérios na tomada de decisão, que vai desde a escolha da música e os conhecimentos musicais a serem trabalhados no e através do arranjo didático, até aos signos musicais utilizados para representa-los na partitura.

Segundo Bzuneck (2001), *expectativa-valor* é um modelo geral de motivação onde “o componente, *expectativa*, conceituada bem amplamente como as crenças da pessoa quanto à sua capacidade de realizar uma tarefa. [...] Numa palavra, esse componente trabalha com a resposta à pergunta do aluno: *posso realizar essa tarefa?*” (p. 22). Já o componente *valor*:

Inclui as diferentes metas dos alunos e crenças sobre a importância e interesse da tarefa. [...] motivação tem a ver com a importância ou valor que a pessoa enxerga nas atividades ou objetivos. [...] Portanto, trata-se neste caso de responder à pergunta do aluno: *por que* devo fazer essa tarefa? (Bzuneck, 2001, p. 22)

O componente, *expectativa*, diz respeito à capacidade do aluno, está relacionado ao terceiro e último fator motivacional, que será tratado mais adiante: desafio possível. O componente *valor*, diz respeito ao significado que o aluno atribui à determinada atividade; este componente está relacionado aos fatores motivacionais que serão trabalhados a seguir, respectivamente: desenvolvimento pleno e repertório significativo.

Desenvolvimento Pleno

O aluno que busca espontaneamente uma aula de música traz dentro de si, obviamente, o desejo de aprender, aperfeiçoar-se, desenvolver-se. Às vezes o aluno se

desenvolve bem em um aspecto musical e em outro não, ou tem uma formação voltada para um aspecto do conhecimento musical e para o outro não. O aluno toca muito bem através da leitura de uma partitura, mas tem dificuldade em realizar um acompanhamento sem ela ou de improvisar quando lhe é proposto que o faça. Este seria um exemplo do aluno que não tem um desenvolvimento “pleno”, não é aquele “músico completo”.

Segundo a teoria da autodeterminação existem algumas necessidades inatas que determinam a motivação dentre as quais se destacará a necessidade de competência. Essa necessidade é considerada um fator determinante da motivação, pois a realização da tarefa é desenvolvida com o fim nela mesma; o objetivo é usufruir dos resultados, habilidades e competências adquiridas a partir da experiência proporcionada pela atividade, contribuindo para a superação do inacabamento (Deci & Ryan 1996; Ryan & Deci, 2000, apud. Guimarães, 2001, p. 40).

O desenvolvimento pleno diz respeito à busca pelo completo, aperfeiçoado, melhor, aprimoramento, pela superação do inacabado que, em se tratando da formação humana, nunca se fará acabado. O músico que se reconhece inacabado, busca na superação de seu inacabamento entender: o que está fazendo; porque a música é do jeito que é; qual técnica é mais apropriada para determinada situação; como aprender uma música “de ouvido”; como escrever ou ler uma música; como interpretar melhor uma canção; quais técnicas os compositores usam para criar suas obras; entre outras questões.

Além de considerar proporcionar o desenvolvimento pleno do aluno, existe outra questão muito importante que deve ser observada: em qual música os conhecimentos musicais que contribuem para a superação do “inacabamento musical” serão disponibilizados? A escolha da música, que não seja adequada, pode desencadear a desmotivação, mesmo que nela tenha o fator motivacional desenvolvimento pleno que contribui para o inacabamento. Deste modo, a escolha da música constitui outro fator motivacional: Repertório Significante.

Repertório Significante

Existe na literatura uma quantidade razoável de materiais didáticos que utilizam o repertório como principal ferramenta para se ensinar um ou mais instrumentos musicais, a exemplo de: “Iniciação ao Violão” elaborado por Henrique Pinto; o método “Suzuki” elaborado por Shinichi Suzuki para violino e depois adaptado para outros instrumentos; o método Da Capo elaborado por Joel Barbosa para instrumentos de sopro e percussão, que também está sendo ampliado para outros instrumentos, como de cordas friccionadas, por

exemplo. Estes são alguns exemplos de métodos que se utilizam do repertório para promover a aprendizagem de instrumentos musicais. Estes materiais didáticos não se tornaram populares ou ainda estão sendo utilizados por acaso, certamente, se bem aplicados, proporcionam resultados animadores. São métodos significativos, entre outras coisas, em termo de aprendizagem, é possível aprender a tocar um instrumento musical utilizando-os. Entretanto, no que diz respeito ao repertório, elemento mais presente nestes métodos, pode-se levantar algumas questões: será que este repertório é significativo nos locais em que é aplicado? Será que este repertório poderia se aproximar mais do contexto de seus alunos? Se eles fossem significantes, será que a motivação para aprendizagem seria mais acentuada?

Tourinho, em sua pesquisa de mestrado, investigou duas turmas de violão com características semelhantes: mesma quantidade de aulas e mesmo professor, local e turno, os alunos também foram submetidos aos mesmos testes de seleção. A uma turma ela chamou de “grupo controle” e a outra de “grupo experimental”. No “grupo controle” o professor desenvolveu aulas utilizando apenas o repertório proposto pelo programa escolar; e no “grupo experimental” os alunos ficaram a vontade para estudar músicas de seu interesse. Em suas considerações finais, Tourinho (1995) afirma que “o estímulo ao repertório que o aluno aprecia e valora pode-se constituir em uma poderosa arma de interesse e motivação para o aprendizado de novos conhecimentos” (p. 237). De acordo com essa pesquisa, a utilização de músicas que os alunos valoram, ou seja, a utilização de músicas que tem significado, não apenas um significado de aprendizagem, mas também estético, músicas que os alunos apreciam, fazem questão de ouvir e tocar configuram-se como uma importante ferramenta para o desencadeamento da motivação.

No entanto, não basta apenas estarem implícitos no arranjo didático os fatores motivacionais relacionados ao desenvolvimento pleno do aluno e ao repertório significativo, é necessário também que o arranjo didático seja compatível ao nível técnico do aluno.

Desafio Possível

Diante de uma tarefa, o aluno pode se sentir desmotivado em realizá-la por dois motivos: (1) Por está ser simples demais; ou (2) Por esta ser extremamente difícil. Diante destas questões, cabe ao professor, de acordo com a sua atenta avaliação, adequar à tarefa a capacidade de realização do aluno.

Um professor que [...] cobrar tarefas ou fáceis demais, ou extremamente difíceis, com maior probabilidade estará incentivando evitação das tarefas do que aplicação de esforço [...] se as tarefas cobrarem um esforço excessivo, ou, ao contrário, se forem tediosas, repetitivas,

irrelevantes, não terá qualquer efeito a aplicação de nenhum dos demais princípios psicológicos da motivação (Bzuneck, 2001, p. 31).

Diante dessas questões, é importante que o arranjo didático seja desafiador, porém possível de ser realizado. Se este fator motivacional não for observado, todos os outros correrão o risco de não funcionarem, ou mesmo que funcionem não estarão completos. Neste sentido, podemos mencionar a teoria da motivação, a Teoria do Fluxo, cujo estado de alta concentração e prazer podem ocorrer durante o estudo musical, desde que a tarefa seja compatível com as suas habilidades.

Segundo Csikszentmihalyi (1999), a experiência do fluxo é gerada quando determinada tarefa é desempenhada pelo sujeito em um contexto de equilíbrio entre suas habilidades e o desafio que deve enfrentar. Se os desafios forem muito elevados em relação a suas capacidades, surgem a ansiedade, a preocupação e, em consequência, a frustração. Do mesmo modo, se os desafios estiverem abaixo de suas habilidades e capacidades, tenderá ao relaxamento, por considerar a tarefa muito fácil, e, em consequência, poderá experimentar o tédio e o desinteresse (Araujo & Ramos, 2015, p.52).

Quando um arranjo didático possibilita que o aluno participe da execução de uma música, sem extrema dificuldade, contribui para que este acredite no seu potencial. A crença na capacidade de realização de uma tarefa contribui para a motivação e está associada à autoeficácia.

A autoeficácia diz respeito às crenças que as pessoas têm em suas capacidades de atingir certos objetivos (BANDURA, 1997), e contribui para a motivação do aluno [...], pois “aqueles que acreditam mais em si e em suas capacidades exercem mais esforço diante de dificuldades e esse exercício, por sua vez, reverte-se em melhores realizações” (COSTA; BORUCHOVITCH, 2006: 94) (Gusmão, 2013, p.2).

Considerações Finais

A aquisição de conhecimentos novos que oferecem o desenvolvimento musical a partir de atividades desafiadoras, porém possíveis de serem realizadas, proporcionadas por músicas que os alunos valoram e apreciam, têm grandes chances de desencadear a motivação contribuindo positivamente para o desempenho do aluno durante o processo de aprendizagem. No entanto, se qualquer um dos fatores motivacionais não for trabalhado adequadamente, pode-se desencadear a desmotivação comprometendo ou anulando os demais fatores motivacionais trabalhados, afetando negativamente o desempenho do aluno.

Referências

Araujo, R. C. (2015). Motivação para prática e aprendizagem de música. In Araujo, R. C. & Ramos, D. Estudos sobre motivação e emoção em cognição musical (Org.) (p. 45-54).

Curitiba: Ed. UFPR.

Buarque, Aurélio. (2004). Miniaurélio Eletrônico (versão 5.12) [Programa de Computador]. Editora Positivo Ltda.

Bzuneck, A. (2001). A motivação do aluno: aspectos introdutórios. In: Buruchovitch, E. & Bzuneck, A. (Org.) (p. 9-35). A motivação do aluno: contribuições da psicologia contemporânea. Petrópolis, RJ: Vozes.

Flach, G. A. (2014). Piano em grupo: arranjos elaborados a partir de alternativas pedagógico-musicais. REVISTA DA FUNARTE, Ano 14 – Número 27, p.19-32.

Flach, G. A. (2014, outubro). Arranjos didáticos para piano: um estudo sobre escolhas e alternativas pedagógico-musicais. Anais do Seminário de Arte e Educação. Montenegro, RS, Brasil, 24.

Freire, P. (1996). Ensinar não é transmitir conhecimento. In: Freire, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa (p. 21-35). São Paulo: Paz e Terra (Coleção Leitura).

Guimarães, S. É. R. (2001). Motivação intrínseca, extrínseca e o uso de recompensas em sala de aula. In: Buruchovitch, E. & Bzuneck, A. (Org.) (p. 37-57). A motivação do aluno. Petrópolis, RJ: Vozes.

Gusmão, P. S. (2013, agosto). Explorando a motivação para aprendizagem da percepção musical em um curso superior de música. XXIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música, Natal, RN, Brasil, 23.

Tourinho, A. C. (1995). A motivação e o desempenho escolar na aula de violão em grupo: influência do repertório de interesse do aluno. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Musical, Pós-Graduação em Música, Universidade Federal da Bahia, Salvador.